

〈Notas〉

Patrícia Galvão (1910–1962) : De musa do modernismo a incentivadora do teatro

Mauro NEVES Jr.

Universidade Sofia

Introdução

Este artigo constitui-se no resultado da pesquisa efetuada entre os anos de 1996 e 1998 sobre a polêmica escritora modernista brasileira, Patrícia Galvão, mais conhecida por seu pseudônimo: Pagu.

Embora já tenhamos efetuado uma apresentação referente a este mesmo tema dentro das atividades de um dos grupos de pesquisa promovidos pelo Instituto Iberoamericano da Universidade Sofia¹⁾, continuamos a aprimorar nossa pesquisa através das idas ao Brasil e do vasculhar contínuo de arquivos e bibliotecas, principalmente os da Baixada Santista, onde tivemos acesso a originais seus ainda não publicados, bem como a excertos de seus artigos de jornal, sobretudo os publicados no *A Tribuna*, só no final de 1998 tendo chegado a um trabalho que podemos considerar conclusivo.

Patrícia Galvão, musa do movimento modernista liderado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral; autora do único exemplar brasileiro de uma autêntica literatura proletária (Galvão 1994) e, criadora da novela policial brasileira (Galvão 1998), foi praticamente ignorada por nossa história e críticos literários, que não a deram o devido valor, enquanto seguiam exaltando sempre os mesmos nomes, marcantes sim, mas não únicos, da literatura moderna brasileira.

Só na década de 80, primeiramente com o livro de Augusto de Campos (1987), e mais tarde, com a cinebiografia dirigida por Norma Bengell (*Eternamente Pagu* 1987) é que Pagu veio a tomar o seu assento entre os

grandes nomes da literatura brasileira, embora já estivesse fazendo parte no coração de muitos de seus compatriotas, quer seja os que a conheceram pessoalmente e com ela conviveram, quer seja os admiradores de seus artigos publicados no *A Tribuna* ao longo dos anos, em diversas e diferentes seções, entre 04 / 11 / 1954 e 23 / 09 / 1962.

Ao apresentarmos aqui a obra de Pagu, seguiremos o seu trajeto biográfico, visto a sua obra estar intrinsecamente ligada à sua vida e, sobretudo, ao seu relacionamento com acontecimentos vitais para a vida sócio-política brasileira das décadas de 20 a 50.

I A jovem Patrícia Galvão: 1910–1927

Patrícia Galvão nasceu em São João da Boa Vista, interior paulista, no ano de 1910, filha de brasileiros descendentes de imigrantes franceses.

Mudou-se para São Paulo aos três anos de idade e aos seis começou a freqüentar o Grupo Escolar na Liberdade, o que veio a ser o ponto inicial do seu interesse pelo Oriente, o qual viria a se concretizar com sua posterior viagem à China e ao Japão.

Em 1924 passou a freqüentar a Escola Normal do Brás, bairro que mais tarde retrataria com cruel realidade e ironia em seu romance *Parque Industrial*.

Já no ano seguinte iniciava sua carreira jornalística, assinando Patsy para esconder sua verdadeira identidade – recurso este que teria que usar constantemente ao longo do seu percurso literário – devido ao problema da sua menoridade.

Ainda neste mesmo ano, 1925, conheceu dois dos principais escritores modernistas, embora nenhuma influência disso resultasse: Guilherme de Almeida e Mário de Andrade.

Em 1927 participou de um concurso da Fox para a procura de uma nova estrela do cinema nacional, concurso este que perdeu. No entanto, conheceu nessa oportunidade o ator e cineasta Olympio Guilherme, o qual virá a ser seu primeiro amor e quem a levará ao círculo de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral no ano seguinte; fato este que dará uma nova guinada à sua vida

e um enorme impulso para a sua revelação e afirmação literárias.

II A musa modernista, Pagu: 1928–1930

No mesmo ano em que conhece Oswald e Tarsila, diga-se de passagem na mesma ocasião, Patrícia Galvão passa a ser simplesmente Pagu, nome que lhe é dado pelo poeta Raul Bopp, o qual inspirado nela publica o poema “Coco de Pagu.”

É ainda em 1928 que diploma-se na Escola Normal, embora nunca venha a exercer as funções do magistério.

1929 representaria um marco na vida de Pagu. Neste ano, não só ela se afirmaria como escritora, como também como musa definitiva do movimento antropofágico liderado por Oswald de Andrade. Além disso, sua própria vida pessoal daria uma reviravolta com o envolvimento amoroso com o mesmo Oswald.

A carreira literária de Patrícia Galvão iniciou-se oficialmente em maio de 1929, quando tem início o *Romance da Época Anarquista, ou, Livro das Horas de Pagu que são Minhas*, escrito em conjunto com Oswald, livro este que só viria a ser concluído em 1931.

Esta obra, típica do Modernismo antropofágico, misturando desenhos, reflexões, poemas e ficção, jamais seria publicada na sua íntegra, sendo dela apresentados alguns excertos na obra de Augusto de Campos sobre a autora (Campos 1987: 61–77).

É uma obra meramente passional e de momento, já que revela o início do romance entre seus dois co-autores e, onde se pode sentir mais o peso da liderança de Oswald sobre os primeiros escritos de Pagu, do que propriamente a criatividade dela.

Em junho, Pagu apresenta-se numa festa no Municipal de São Paulo, onde declama poemas modernistas. Esta foi sua consagração definitiva como musa modernista.

Ainda neste mesmo mês publica seus primeiros textos literários individuais no número 11 da *Revista de Antropofagia*, o que ainda repete no último número, 16, da mesma revista, publicado em agosto deste mesmo ano.²⁾

Ainda neste mesmo mês de agosto é publicado um retrato seu de autoria da própria Tarsila do Amaral, acompanhado de uma entrevista sua na revista *Para Todos...* (1929: 555 : 21).

Em setembro, grávida de Oswald, tem um casamento forjado com o pintor Waldemar Belisário, primo de Tarsila. Este casamento pró-forma nunca seria concretizado efetivamente e acabaria por ser anulado em fevereiro do ano seguinte. Neste ínterim, já separado de Tarsila desde dezembro, Oswald já passara a viver juntamente com Pagu desde janeiro de 1930.

Ainda durante esse ano de 1929, Pagu escrevera *Pagu– Nascimento Vida Paixão e Morte, ou, O Álbum de Pagu*, coletânea de poemas dentro dos moldes antropofágico-modernistas, os quais já nos revelam uma autora madura, apesar da precocidade, e que nos jogam à face toda a ironia mordaz que viria a ser sua marca registrada (Campos 1987: 45–59).

Em 1930, ano da Revolução liderada por Getúlio Vargas, Pagu iniciaria uma nova carreira artística, a de escultora, produzindo um vaso com rabiscos a lápis de cor, o qual permaneceria exposto durante os meses de março e abril na Casa Modernista de Grigori Warchavchik. Pena que esta tenha vindo a ser sua única obra no ramo das artes plásticas, à parte os seus vários e notórios desenhos e charges.³⁾

A vida de Pagu segue calma até o final de setembro, quando nasce Rudá de Andrade – com o qual tivemos a oportunidade de nos encontrarmos por duas vezes em agosto de 1996, seu filho com Oswald.

Em outubro, Pagu participa das agitações de rua resultantes da Revolução Getulista. Esse veio a ser o início do seu interesse pela vida política do país, à qual se dedicaria quase que completamente nas duas fases seguintes da sua vida.

Em dezembro, ao realizar um recital poético em Buenos Aires, conhece Jorge Luís Borges – do qual seria correspondente por longos anos, Victoria Ocampo – que seguiria sendo sua amiga até o final da vida – e Luís Carlos Prestes – o qual viria a pairar indiretamente sobre o desenrolar de sua vida até a década de 50.

III A militante comunista: 1931–1933

Ao regressar para o Brasil, extremamente marcada pelo encontro com Prestes, filia-se, já em janeiro, ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Entre 27 de março e 13 de abril edita e redige juntamente com Oswald de Andrade, o qual acabara sendo levado ao comunismo pela esposa, o panfletário *O Homem do Povo*.

Pagu exerce várias atividades neste jornal, além de ser um de seus proprietários. Fora os artigos diversos que escreve, é a responsável pelas ilustrações, vinhetas, charges, títulos e legendas, bem como pela história em quadrinhos “Malakabeça, Fanika e Kabeluda” e pelas seções de “Correspondência” e “A Mulher do Povo.”

Datam de então vários de seus outros pseudônimos: Pt., P., P.G., Irmã Paula, G. Léa, K. B. Luda e Peste.

O destaque principal de suas atividades para esse jornal deve ser dado, no entanto, à história em quadrinhos sob sua responsabilidade, onde ela ridiculariza as feministas burguesas, exalta as trabalhadoras das fábricas paulistas e critica diretamente a burguesia paulista com toda a sua ineficiência em combater o início do fascismo getulista.

Assim como os seus outros artigos para o mesmo jornal⁴⁾, a sua prosa é marcada pelos ideais comunistas que abraçara e já completamente desvinculada da Pagu, musa de um movimento oligárquico e burguês por excelência como fora o Modernismo paulista.

É aqui que ela começa a se distanciar de Oswald, tanto pessoal como intelectualmente.

Após tumultos causados entre Oswald e Pagu com os estudantes da Faculdade de Direito, os quais enfurecidos por um artigo assinado e publicado por Oswald⁵⁾ tentaram invadir e destruir a sede do jornal *O Homem do Povo* – o que acabaram conseguindo, os dois são detidos pela polícia para averiguações, tendo sido Pagu acusada mesmo de tentativa de homicídio, já que dera um tiro ao esmo entre a multidão de estudantes para espantá-los da frente da sede do jornal, o qual acabara por atingir de raspão um deles.

A solução encontrada pela polícia estadual para evitar mais tumultos e o

juízo tanto de Oswald como de Pagu foi a proibição do jornal.

Logo depois desse incidente, Pagu participa em Santos dos movimentos de reivindicação dos operários da construção civil e da greve dos estivadores.

Após participar de um comício em homenagem a Saco e Vanzetti realizado em Santos, em agosto, no qual um dos líderes dos estivadores em greve morreu baleado pela polícia em seus braços, é presa como agitadora.

Pagu torna-se, assim, a primeira presa política brasileira, sendo levada para o cárcere 3, conhecido como a pior cadeia do continente, onde é torturada e permanece até o final do mês de setembro.

A mais dolorosa das ironias fez com que ao ser libertada tenha tido de assinar, sob imposição do PCB, um documento que eximia o Partido de qualquer responsabilidade sobre suas atividades, admitindo-se como agitadora individual, sensacionalista e inexperiente.

Em novembro, segue com Oswald para a Ilha das Palmas (SP), onde se instalam para evitar tanto os credores como os oficiais de justiça.

No ano seguinte muda-se sozinha para uma vila operária no Rio de Janeiro e segue trabalhando, ora como operária, ora como lanterninha de cinema, sempre ligada ao PCB.

Sua decisão de viver por um ano como proletária revela ao mesmo tempo sua visão prática do comunismo, como uma doutrina a ser exercida e não meramente defendida – como faziam muitos outros escritores da mesma década – e, a preparação eficaz e realista para tudo o que pretendia expor no seu romance proletário, *Parque Industrial*, o qual segue escrevendo ao longo desse mesmo ano.

Ainda em 1932 inicia sua colaboração como jornalista junto ao *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, a qual acabaria por levá-la à sua viagem ao redor do mundo como correspondente internacional – a primeira mulher a ser indicada para tal posição na história do jornalismo brasileiro – a partir de dezembro de 1933.

Em 1933 publica, com dinheiro de Oswald e sob o pseudônimo de Mara Lobo, mais uma vez por exigência do PCB que aprovara o projeto, mas não queria comprometer-se com as atividades militantes de Pagu, o *Parque In-*

dustrial – romance proletário.

IV Parque Industrial

Parque Industrial constitui-se num dos melhores exemplares da prosa modernista da primeira geração, com seu estilo fragmentário, conciso, direto e, por vezes, mesmo, telegráfico.

No entanto, a sua qualidade única reside na forma como a autora satiriza a sociedade gerada pela burguesia industrial paulista nascente, optando por uma crítica política e não humanística.

Apesar disso, “O compromisso político não impediu, no caso do *Parque Industrial*, que a estética fosse levada ao último limite possível” (Chaves 1994: 11), sendo mesmo aí que reside a grandeza da sua narrativa que, em meio a montagens cubistas e cortes paronomásticos, conduz sua forma à universalidade, sem perder os seus aspectos reveladores da nossa identidade sócio-cultural.

Embora bem acolhido pela crítica em sua primeira edição (Ribeiro 1987: 287), causou surpresa e choque pela sua modernidade narrativa, até mesmo entre seus simpatizantes, como atesta a crítica de Ari Pavão (1933: 82):

“Romance veloz, cores fortes, personalidade. Mesmo para os que, como eu, não estejam integrados na corrente de idéias que o inspirou, “Parque Industrial” de Pagu, é um livro que se lê com prazer. Impróprio para menores e senhoritas – como todo livro que tem idéias – interessa, porque retrata com uma simplicidade notável os aspectos mais desoladores dessa luta tremenda que as desigualdades humanas criaram nas diferentes camadas sociais.”

Pode-se ainda sentir em *Parque Industrial* a profunda influência de Oswald de Andrade no que se refere à estrutura da obra em rápidos flashes, como se fossem cenas exibidas em um filme, acrescentando-se aí o artifício da justaposição direta de alguns dos fragmentos, que só assim acabam por criar um contexto lógico.

No que se refere às personagens são do tipo plano, isto é, apreendidas através de seus comportamentos sociais e, visivelmente identificáveis ao

longo de todo o romance, sem aprofundamentos psicológicos, constituindo uma exemplar tipologia urbana da sua época.

Devem ser destacadas, por fim, a franqueza e a coloquialidade com que Pagu trata todos os temas abordados e expostos, inclusive os sexuais, o que, além do seu aspecto político, contribuiu para que o romance fosse logo proibido, só voltando a ser editado em 1994.

Um dos melhores momentos do romance e dos mais expressivos da sua narrativa a um só tempo política e universal é o capítulo “Brás do mundo,” onde se relata a prisão e a conseqüente deportação de uma militante comunista estrangeira, Rosinha Lituana, o qual é assim concluído (Campos 1987: 82):

“No interrogatório, comunicam-lhe que vão expulsá-la.

– Você é estrangeira!

Mas ela não conhece outro país. Sempre dera o seu trabalho aos ricos do Brasil!

Sorri numa amargura. Vão levá-la para sempre do Brás... Que importa? Ela ouvira dos próprios defensores do presídio social: pobre não tem pátria!

Mas, deixar o Brás! Para ir aonde? Aquilo lhe dói como uma tremenda injustiça. Que importa! Se em todos os países do mundo capitalista ameaçado há um Brás...

Outros ficarão. Outras ficarão.

Brás do Brasil. Brás de todo o mundo.”

É extremamente forte e direta a forma como Pagu demonstra-nos nesse trecho, entre tantos outros que poderíamos citar, a injustiça social reinante no Brasil e, ao mesmo tempo, faz uma crítica ao conceito de nacionalidade que começava a ser então imposto pelo governo Vargas.

Podemos, juntamente com ela, imaginar quantos trabalhadores imigrantes não devem ter passado pela mesma situação que a da sua personagem, defrontando-se com o dilema de serem vistos como estrangeiros no único país que conheciam como sendo o seu.

V Patrícia e o mundo: 1933–1935

Voltemos, então, à trajetória de Patrícia Galvão depois da conclusão do romance *Parque Industrial*.

Como já mencionamos anteriormente, Patrícia iniciou em dezembro de 1933 uma viagem ao redor do mundo como correspondente, simultaneamente, do *Correio da Manhã* e do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro e, do *Diário da Noite* de São Paulo.

Patrícia seguiria o seguinte roteiro de viagem: Panamá, Califórnia, Japão, Manchúria, China, Sibéria, Rússia, Polônia, Alemanha e França, onde fixaria residência.

Enquanto em Hollywood, entrevistou vários artistas, tendo entrado em contato direto com Raul Roulien – ator e cineasta argentino-brasileiro – chegando mesmo a ter recebido uma oferta da Paramount para um contrato como atriz, oferta esta que recusou.

No final deste mesmo ano, chegou ao Japão, onde se encontrou com Raul Bopp, então Cônsul do Brasil em Kobe – funções que exerceu entre 1932 e 1934.

Em fevereiro de 1934 partiu para Xangai, de onde seguiu em março para a Manchúria.

Lá assistiu a cerimônia de coroação do Imperador Pu-Yi, sendo o único participante latino-americano presente ao evento.

Acabou tornando-se amiga íntima da esposa do diretor da South Manchurian Railway, através da qual, passou a frequentar a Corte, fazendo amizade com o próprio Imperador, com o qual foi várias vezes vista andando de bicicleta, conforme ela mesma relatou em suas cartas a Oswald de Andrade e à irmã, algumas das quais tive acesso na Biblioteca Municipal de Santos.

Através do próprio Imperador recebeu, enviando-as posteriormente para Bopp – o qual as enviaria para o Brasil – aquelas que viriam a ser as primeiras sementes de soja a entrar em nosso país.

Em abril, deixou a Manchúria em tour pela China, visitando Nanquim, Pequim, Tientsin e Cantão, onde entrevistou Sigmund Freud.

Em maio viajou, a partir de Dairen pela Transiberiana, para Moscou,

passando por Vladivostok, numa viagem de 8 dias e 8 noites.

De Moscou seguiu para Paris no início de junho, passando pela Polônia e pela Alemanha, onde chegou mesmo a ser detida pela Gestapo e mantida sob custódia até cruzar a fronteira.⁶⁾

Entre junho de 1934 e novembro de 1935 seguiu vivendo em Paris.

Viveu na capital francesa inicialmente com a cantora brasileira Elsie Houston, esposa do poeta Benjamin Péret, entrando em contato com vários dos poetas surrealistas franceses.

Acabou mesmo por se envolver sentimentalmente com um deles, René Crevel, cujo suicídio em junho de 1935 a abalou profundamente.

Durante sua estadia em Paris, três foram as suas atividades principais, todas exercidas sob o nome falso de Leonnie: seguir frequentando a Université Populaire; trabalhar como tradutora para os estúdios da Billancourt, onde acabou se envolvendo com o ator Jean Gabin, e como redatora para o *L'Avant-Garde*, e; exercer atividades como militante do Partido Comunista Francês (PCF).

Suas atividades enquanto militante do PCF incluíram:

- participação no protesto juntamente à Jeunesse Communiste contra a proibição de se cantar a “Internacional” nas comemorações do 14 de julho;
- participação nas lutas promovidas pelo Front Populaire, onde foi ferida gravemente, acabando por ter que ser internada durante três meses num hospital;
- participação no Congresso Internacional dos Escritores pela Defesa da Cultura, e;
- participação no desfile dos partidários do Front Populaire promovido no 14 de julho.

Após ter sido detida por três vezes, foi finalmente indiciada como militante comunista estrangeira em setembro.

O governo Laval decidiu submetê-la ao Conselho de Guerra, o que levaria a que viesse a ser provavelmente deportada quer fosse para a Alemanha quer fosse para a Itália. No entanto, o embaixador brasileiro Souza Dantas, amigo pessoal de Elsie Houston, interveio a tempo e conseguiu a sua

repatriação para o Brasil, o que veio a ocorrer em novembro.

VI Anos de Prisão: 1935–1940

De volta ao Brasil, seguiu trabalhando como jornalista, desta feita para o jornal *A Platéia*, até ser presa em consequência da Intentona Comunista de 1935.

Antes da sua prisão, separara-se definitivamente de Oswald e começara seu envolvimento com Geraldo Ferraz.

Embora fosse absolvida pela justiça paulista, o Superior Tribunal Militar a condenou a dois anos de prisão.

Abalada fisicamente, em consequência das torturas sofridas, foi transferida para o Hospital Cruz Azul, de onde fugiu antes de completar sua pena.

Durante seu período foragida, no final de 1937, conheceu outro dos mais ativos escritores comunistas brasileiros, Graciliano Ramos.

Em 1938, após o advento do Estado Novo, foi presa novamente e condenada a dois anos e meio de prisão pelo Tribunal Nacional de Segurança.

Entre os quatro anos e meio que esteve detida passou pelos seguintes presídios: presídios políticos do Paraíso e Maria Zélia, ambos em São Paulo; Casa de Detenção do Rio de Janeiro, e; presídio comum da Cadeia Pública de São Paulo.

Num dos seus muitos atos de bravura acabou por ter sua pena aumentada de três meses ao ter-se recusado a prestar homenagem ao interventor federal de São Paulo, Adhemar de Barros, em visita à Casa de Detenção.

Nesses anos todos de prisão só recebeu a visita de três pessoas: Geraldo Ferraz; Elsie Houston, em passagem pelo Brasil em 1939, e; sua irmã Sidéria Galvão.

Em 1940, finalmente libertada e pesando apenas 44 kg., casou-se com Geraldo Ferraz, o qual viria a ser seu companheiro inseparável até o final da vida.

VII Anos felizes: 1941–1948

A década de 40 representaria, sem dúvida alguma, a época mais estável

e calma da vida de Patrícia Galvão, excetuando-se os seus debates literários e a sua intensa atividade jornalística.

Em 1941, viveu exclusivamente para a família, sem exercer atividades profissionais, na companhia do esposo e do filho recém-nascido Geraldo Galvão Ferraz, com o qual tivemos contato em 1996 e 1997 para efetuar entrevistas ligadas a esta pesquisa.

No ano seguinte, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, trabalhando como redatora nos jornais *A Manhã* e *O Jornal*.

Entre 22 / 08 e 31 / 12 desse mesmo ano enviou crônicas diárias para o jornal *A Noite* de São Paulo, sob o pseudônimo de Ariel, onde deu início a uma longa polêmica com Mário de Andrade, que seguiria sem solução até 1945.

Em 1944 publicou uma série de novelas policiais sob o pseudônimo de King Shelter para a revista *Detective*, dirigida por Nelson Rodrigues; sendo que a sua identidade como autora dessas novelas só veio a ser revelada e confirmada recentemente por seu próprio filho Geraldo (Galvão 1998).

Em 1945 saiu a primeira edição do seu segundo romance, *A Famosa Revista*, escrito em conjunto com o esposo, Geraldo Ferraz.

Esse romance é uma sátira ao partido comunista e ao seu controle ideológico, revelando-se aí toda a desilusão de Patrícia pelo abandono a que foi relegada pelo PCB, apesar de toda a sua militância política em prol deste.

É efetivamente o oposto de seu primeiro romance, no que diz respeito ao conteúdo ideológico, mas, com certeza, constitui-se numa evolução de estilo narrativo marcante.

É um livro de difícil leitura e profundo teor poético, o que fez com que se afastasse completamente dos leitores e nunca chegasse a se constituir num romance popular.

“...De outro lado, sem dúvida, está entre as melhores coisas que a literatura brasileira produziu na década de 40, embora não tenha a força e a “tensão psicológica” de *Perto do Coração Selvagem*, nem as virtudes da linguagem rosiana, que então se ensaiava em *Sagarana*” (Risério 1987: 23).

Nesse mesmo ano Patrícia deu início a uma atividade que exerceria ao

longo dos próximos onze anos: redatora da Agence France-Press, tanto no Rio como em São Paulo.

Ainda em 1945, integrou juntamente com Ferraz, Mário Pedrosa, Hilcar Leite e Edmundo Moniz, a redação do periódico *Vanguarda Socialista*, onde publicaria artigos políticos e crônicas de crítica literária, uma destas – a mais famosa delas – um ataque arrasador a Jorge Amado, dando início a uma polêmica que só viria a ter fim com a morte de Patrícia. Este periódico foi publicado entre 31 / 08 / 1945 e 24 / 05 / 1946.

Em 1946 deu início, juntamente com o esposo, ao Suplemento Literário do *Diário de São Paulo*, suplemento este que sairia aos domingos durante o período que seguiu de 24 / 11 / 1946 a 28 / 11 / 1948, tendo sido Patrícia responsável pelas crônicas da série “Cor Local,” sob o pseudônimo de Pt. e por artigos para a seção “Antologia da Literatura Estrangeira.”

Ainda ligada a este mesmo suplemento literário, publicou em 1948, primeiramente uma dura crítica ao Congresso de Poesia realizado em São Paulo em maio, do qual participara, acusando a geração de 45 de oca e sem ideais quando comparada à de 22, e; a seguir, sob o pseudônimo de Solange Sohl, o poema *Natureza Morta*, a 15 / 08 / 1948, poema este que influenciaria escritores de uma nova geração de poetas, a de 1956, sobretudo Augusto de Campos.

Em 1947, completando a sua felicidade familiar, voltou a reatar relações com o filho Rudá que não via há 9 anos. O próprio Rudá, quando entrevistado por nós, não quis se referir a esse fato, nem à sua reação tanto com relação à separação da mãe, quanto como com relação ao tipo de convívio que passaram a ter após o reatamento.

E aqui se iam os anos de felicidade plena para Patrícia, a qual começaria a ser afetada por problemas pulmonares que já a haviam perseguido quando criança e que tinham sido, provavelmente, agravados por anos de tortura e subnutrição, além do cigarro, seu companheiro inseparável desde os tempos da Escola Normal.

VIII De volta à política: 1949–1951

Em meio a uma das primeiras crises pulmonares, inexplicavelmente, Patrícia tentou o suicídio com um tiro na cabeça no início de 1949. Felizmente, foi salva a tempo por Ferraz.

Recuperada, publicou um texto em prosa poética intitulado *Poema do Naufrágio*, em homenagem ao poeta Murilo Mendes, no suplemento “Literatura e Arte” do *Jornal de São Paulo* de 04 / 09 / 1949.

Este texto veio a ser o início da sua colaboração junto ao referido jornal, a qual seguiria até 08 / 01 / 1950, incluindo mesmo o reinício da série “Cor Local.”

Em fins de abril de 1950 veio a ser lançada a sua candidatura à Assembleia Legislativa de São Paulo pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Deu início à sua campanha política no dia 13 de maio.

Suas idéias políticas de então foram explicitadas no panfleto político de sua autoria, *Verdade e Liberdade*, publicado em junho deste mesmo ano.

Enquanto seguiu com a sua campanha política, publicou uma série de artigos sobre temas diversos, inclusive políticos, durante todo esse ano para o *Jornal de Notícias* de São Paulo e para o jornal *Fanfulla*, sendo que sua atividade junto a este último seguiria até 21 / 06 / 1953, como crítica literária.

Ao perder a eleição desiludiu-se completamente da política e durante o ano de 1951 encontrou uma nova paixão e um novo *leitmotiv*: o teatro.

IX Teatro amador e poesia: 1952–1962

Sua ligação com o teatro já vinha de vários artigos seus publicados no *Fanfulla*, onde analisava a obra teatral de diversos autores, com destaque para Ionesco, mas iria mesmo se concretizar em 1952, quando frequentaria a Escola de Arte Dramática de São Paulo. A partir daí é que se ocupou cada vez mais das atividades teatrais.

Em 1954 realizou e apresentou a primeira tradução para o português de *A Cantora Careca*, de Ionesco.

Neste mesmo ano começou a escrever para *A Tribuna* de Santos, atividade esta que seguiria até às portas da morte.

Entre 04 e 24 de novembro retomou neste mesmo jornal a série “Cor Local.”

A partir de 1955 passou a se dedicar quase que exclusivamente ao teatro, quer fosse traduzindo peças – além de outras obras literárias – de autores estrangeiros⁷⁾, ou escrevendo para *A Tribuna* a seção “Teatro Mundial Contemporâneo” (entre 03 / 07 e 02 / 10 / 1955) e posteriormente as seções “Palco e Atores” (entre 31 / 03 / 1957 e 23 / 10 / 1961) e “Literatura” (entre 07 / 04 / 1957 e 26 / 03 / 1961), esta última com o pseudônimo de Mara Lobo, ou ainda dando início aos espetáculos da Escola de Arte Dramática de Santos.

No ano seguinte, a 28 / 05, inauguraram-se as atividades do Teatro Universitário Santista, sob sua orientação. Entre as primeiras atividades deste grupo teatral foi realizada a 06 / 08 uma sessão de teatro e poesia em homenagem aos 20 anos da morte de Federico García Lorca, sessão esta que obteve enorme sucesso tanto de público como de crítica.

Ainda em 1956, Patrícia criou para *A Tribuna* a coluna “Viu? Viu? Viu?” de comentários sobre os programas de TV, escrevendo sob o pseudônimo de Gim. Esta coluna, a qual seguiria publicando entre 16 / 05 / 1956 e 23 / 09 / 1962, foi a primeira voltada para a TV em todo o país, fazendo com que mais uma vez Patrícia se colocasse à frente do seu tempo.

Seguindo com suas atividades jornalísticas, de tradução e teatrais, Patrícia descobriu o dramaturgo espanhol Arrabal, o qual viria a se constituir na sua grande inspiração e mais forte influência a partir de 1959.

Neste mesmo ano traduziu a peça desse mesmo autor, *Fando e Lis*, e a encenou em outubro em Santos, dirigindo-a conjuntamente com Paulo Lara, dentro das atividades do II Festival Regional de Teatro Amador de Santos, no qual veio a receber quatro prêmios e três menções honrosas.

Em janeiro de 1960, Arrabal manifestou-se em Nova York sobre a ousadia de Patrícia em ser a primeira realizadora a encenar, no mundo todo, sua peça *Fando e Lis*.

Patrícia levou ainda essa mesma peça a São Paulo e pelo interior paulista entre fevereiro e maio desse mesmo ano.

Entre maio e junho envolveu-se numa polêmica em torno da indicação

da peça *Escada*, de Oswaldo Leituga, como representante santista, no III Festival Nacional de Teatro de Estudantes, a ser realizado em Brasília, no qual seria uma das juradas.⁸⁾ Em consequência dessa mesma polêmica foi que decidiu renunciar à presidência da União dos Teatros Amadores de Santos, união esta que ela mesma tanto contribuíra para fundar em 1956.

Em setembro encontrou-se com Sartre e Simone de Beauvoir na casa de Cacilda Becker, e ainda com Ionesco.

Em novembro publicou em *A Tribuna* seu poema *Canal*, onde é possível já sentir-se o seu pessimismo e descrédito com a vida, cada vez mais crescentes.

Ainda neste mesmo mês, publicou a tradução da peça *A Filha de Rappaccini*, de Octavio Paz, a qual estreitaria a 19 de dezembro sob sua direção em Santos.

Em 1961 veio a ter seu primeiro contato com o governo federal desde a época das suas atividades como militante comunista, só que desta vez a convite do próprio governo e como parte integrante deste, quando o presidente Jânio Quadros a convidou para tomar assento na Comissão Nacional de Teatro do Conselho Nacional de Cultura, atividade que veio a exercer entre maio e a renúncia do presidente em agosto.

A 23 / 09 / 1962 saiu publicado em *A Tribuna*, aquele que seria seu último texto publicado ainda em vida, o poema *Nothing*.

É um poema ao mesmo tempo irônico, agressivo, amargo e cheio de ve-racidade, quase que uma despedida, dominado pela palavra “nada.”⁹⁾

No final desse mesmo mês Patrícia seguiu mais uma vez para Paris, desta feita a fim de tentar curar-se com uma cirurgia. Com o fracasso desta, mais uma vez tentou o suicídio, sendo ainda mais uma vez salva a tempo por Ferraz que a acompanhava.

Em novembro, regressou ao Brasil já degenerada completamente, vindo a falecer a 12 / 12 de câncer pulmonar na sua amada Santos.

Conclusão

Como pudemos demonstrar através deste artigo, nem que fosse apenas

por seu *Parque Industrial*, Patrícia Galvão já teria o seu posto garantido no panteão literário brasileiro, mas ela é e foi sempre muito mais do que isso.

Sem Patrícia, provavelmente, não teríamos tido nem o romance proletário nem a novela policial em nossas letras.

Mas não é tudo ainda: o teatro brasileiro também deve muito a Patrícia, não só pela criação de novos atores, diretores e técnicos através da Escola de Arte Dramática de Santos e do Teatro Universitário Santista, mas, sobretudo, pela introdução de inovadores do teatro internacional – tais como Ionesco e Arrabal – aos palcos brasileiros, da ressurreição de Lorca e do redescobrimto do mexicano Octavio Paz.

Além disso, Patrícia foi também a mulher que possibilitou às mulheres que a ela se seguiram participar ativamente na vida política, jornalística e literária brasileiras, diretamente e sem preconceitos ou escrúpulos. É bom sempre ressaltar que ela foi a única integrante feminina do grupo literário central que deu origem ao Modernismo e o afirmou nas letras brasileiras.¹⁰⁾

Esperamos ter, com essa pesquisa, contribuído para uma maior compreensão da personalidade de Patrícia Pagu Mara Lobo Galvão e de toda a sua importância para a compreensão mais global da vida político-literária brasileira das décadas de 20 a 50.

Notas

- 1) Apresentação oral realizada a 24/03/1997 sob o mesmo título deste artigo, como parte integrante da pesquisa conjunta realizada sobre os intelectuais latino-americanos que contribuíram para transformar a história de seu continente.
- 2) Anteriormente, em março e maio do mesmo ano, já publicara desenhos seus na mesma revista.
- 3) Este vaso se encontra atualmente na propriedade de Paulo Mendes de Almeida.
- 4) Os originais desse panfletário, aos quais tivemos acesso em 1997, estão guardados na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.
- 5) Sobre essa polêmica ver em Campos, Augusto de, *op. cit.*, p.91–100.
- 6) As impressões da própria Patrícia sobre os locais visitados e as pessoas com quem conviveu durante sua viagem podem ser absorvidas não só através dos artigos que enviou para os mencionados jornais, como também nas cartas enviadas a

- Oswald e à irmã Sidéria.
- 7) Tendo sido muitas dessas traduções publicadas no *A Tribuna*, entre novembro de 1954 e junho de 1962
 - 8) Anteriormente Patrícia já havia sido jurada no II Festival Nacional de Teatro de Estudantes, realizado por Paschoal Carlos Magno, em julho de 1959.
 - 9) Outros poemas desta mesma época e inéditos foram publicados pela primeira vez por Campos, Augusto de, *op. cit.*, p.254–257. Estão na mesma linha pessimista que *Canal e Nothing*. Há ainda outros inéditos de Patrícia na posse de seu filho Geraldo Galvão Ferraz esperando para ser publicados.
 - 10) É claro que estamos excluindo nomes como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, visto elas não terem sido escritoras, bem como, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, posteriores a Patrícia.

Bibliografia

Campos, Augusto de

- 1987 *Pagu (Patrícia Galvão): vida e obra*, 3. ed. São Paulo: Brasiliense. (1. ed. 1982).

Chaves, Flávio Loureiro

- 1994 “Apresentação,” em Patrícia Galvão, *Parque industrial*, 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; São Paulo: EDUFSCar, pp.7–11.

Ferraz, Geraldo Galvão

- 1998 “A pulp fiction de Patrícia Galvão,” em Patrícia Galvão, *Safra macabra: contos policiais*. Rio de Janeiro: José Olympio, pp.3–9.

Galvão, Patrícia

- 1994 *Parque industrial*, 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; São Paulo: EDUFSCar (1. ed. 1933).
- 1998 *Safra macabra: contos policiais*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Pavão, Ari

- 1933 *Bronzes e plumas*. Rio de Janeiro: Renascença.

Ribeiro, João

- 1987 “Mara Lobo e Parque industrial,” em Augusto de Campos, *Pagu (Patrícia Galvão): vida e obra*, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, pp.282–283.

Risério, Antonio

- 1987 “Pagu: vida–obra, obra–vida, vida,” em Augusto de Campos, *Pagu (Patrícia Galvão): vida e obra*, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, pp.18–30.